



# Olórun

Ogum, Lodê e Avagã  
Por Norton Correia

O Àmàlà  
Por Nathan Lugo

Bioética - Uma discussão em curso  
Por Ogã Gilberto de Èsù

Outubro

## Redação



Erick Wolff  
Editor - Diretor



Dr. Roberto Tamelini Jr.  
Jurídico

## Conselho Editorial

Roberto Tamelini Junior  
Joana D'arc Espindola

ISSN 2358-3320

Nesta edição número 43, a Revista *Olórun* traz temas relativos a Ifá e Oduduwa.

No primeiro artigo, Norton Correia escreveu um pequeno relato que envolve, o sacerdote Ayrton do Xangô, Ogun, Lodê e Avagã.

E no segundo artigo, coletamos informações do sacerdote Nathan Lugo, sobre o Àmàlà.

E em terceiro e ultimo, o Ogã Gilberto de Èṣù, assina o artigo sobre o escrito no ano de 2003, quando da realização do 8º congresso em San Francisco, Califórnia. Foi levado a discussão, na ocasião, para eminentes representantes eclesiásticos de nossa religião. Foram ouvidos, entre eles, o *Aragba* de Ifé, o *Apena* of Ifé e o *Awisé* of Ifé, além de diversos Babalawo e Aborisa, dos diversos cantos do mundo presentes na conferência.

Boa Leitura.

## ÍNDICE

Ogum, Lodê e Avagã

Por Norton Correia p. 06

O *Àmàlà*

Por Nathan Lugo p. 22

Bioética - Uma discussão em curso

Por Ogã Gilberto de Èsù p. 28



Olórun



## **OGUM, LODÊ E AVAGÃ**

Norton Correa

04/08/2016

(nortonfc38@gmail.com)

FACEBOOK - <https://www.facebook.com/profile.php?id=100006409668699>



## INTRODUÇÃO

Durante meu longo tempo de pesquisa sobre o batuque, muito do que vi, ouvi, senti e vivenciei não foi para o livro por questões de espaço e porque trabalhos acadêmicos, como o meu, não são romances, têm de obedecer a certos parâmetros. Mas estas coisas, além de ficarem na memória do pesquisador, fazem, tal como os dados, parte indissociável das situações da pesquisa.

Considerando tudo isto, resolvi escrever um pequeno relato que envolve, além de um sacerdote muito citado no livro, o Ayrton do Xangô, o meu lado pesquisador e o pessoal, este um sujeito concreto, de carne e osso, como qualquer outro, com sentimentos e impressões, reflexões, que, claro, se faziam presentes nos momentos da pesquisa para o livro *O Batuque do Rio Grande do Sul*.



## OGUM, LODÊ E AVAGÃ

Em 1975 eu vinha do Rio de Janeiro para Porto Alegre, aonde fora passar uns dias com uma namorada. De repente, ao olhar pela janela vi, com o rabo do olho que meu companheiro de banco, que lia uma revista, tinha uma guia de Xangô por dentro da camisa. Puxei conversa sobre a religião e então me contou que era filho de santo do Pai Ayrton do Xangô, que morava no bairro Camaquã – o mesmo onde moro, pensei. Ora conversávamos, ora cochilávamos, descemos do ônibus, nunca mais o vi.

Dias depois fui conhecer seu pai de santo. O Ayrton (Paixão) do Xangô era um sujeito de uns 50 anos, muito inteligente, brincalhão, crítico, simples, inquieto, bem alfabetizado. Guerreiro e ligado às Letras, como o seu orixá, escrevia uma coluna “O que Vejo” em um jornal de uma federação religiosa local.

Seus textos, bem escritos, disparavam críticas aos demais chefes, em geral, sem citar nomes, como ocorre no batuque. Numa delas, acusava-os de estarem esquecendo Olórun, por exemplo – na verdade, na época, entidade que só aparecia em livros de pesquisadores. Sua boa escolarização permitiu que, com um amigo e um dicionário a tiracolo, traduzisse trechos do livro “Dieux d’Afrique” de Pierre Verger, na Biblioteca Pública.

A partir dali introduziu reafricanizações em alguns aspectos de seu ritual, como um Bará da Rua que esculpiu em de argila e lhe colocou uma espiral na testa, o que chamava de “círculo dinâmico”.

## O AYRTON DO XANGÔ

De imediato ficamos amigos e deu-me muita liberdade em seu templo, que comecei a visitar várias vezes por semana. Lá, com os seus próprios búzios de 8 conchas, começou a me ensinar o jogo, além de toques de tambor e cânticos - era um exímio tamboreiro. Gostava muito de conversar sobre a religião, passando-me também muitas informações sobre ela, que eu anotava em meu caderno, como fazia nos templos.

O Ayrton era muito respeitado e considerado pela comunidade batuqueira, suas festas muito concorridas e visitadas por sacerdotes destacados na comunidade, o salão sempre abarrotado de gente. Possuía uma voz potente, afinada e melodiosa, executando os cânticos com a pronúncia do ioruba e do jêje, dizendo “bêdjis”, por exemplo.

Numa ocasião, o Verger foi a Porto Alegre, e então o levei à casa do Ayrton, para que o conhecesse pessoalmente, pois era o seu ídolo. Quando chegamos ele atendia a uma cliente, cantando axés no quarto de santo. Quando tomei a liberdade de bater na porta do quarto e avisá-lo de que o francês estava ali, começou a cantar ainda mais alto e, me pareceu, acrescentou outros só para mostrá-los ao visitante.

O Verger começou a ouvi-los atentamente e sua fisionomia era de surpresa. E então disse que o que ele cantava era em jêje e ioruba arcaicos, só falados, naquela época, apenas nos fundões dos interiores da Nigéria e do Benin. A explicação é simples: diferentemente do candomblé baiano, por exemplo, que manteve constante contato com estes dois países, ao longo do tempo, o batuque foi se desenvolvendo e crescendo isoladamente, daí manter as formas linguísticas dos seus primeiros fundadores.

Na primeira vez em que entrei no quarto de santo do templo, fiquei extasiado com uma belíssima imagem de Ogum, de madeira, uns 35 cm de altura, em pé, uma lança na mão, o estilo da mais clássica arte da África Ocidental. Era acompanhada por um conjunto com várias peças de ferro, algumas forjadas – dois grandes gãs (agogôs) com sons diferentes, rendilhados nas bordas, uma imitação de espada árabe, facas sacrificiais, uma barra de ferro terminada em um par de chifres de bode, símbolo do sacrifício, uma pequena serpente cuidadosamente esculpida, mordendo o rabo e uma bigorna.

Mesmo com o meu pouco conhecimento de arte africana, me parecia evidente que o conjunto era bem mais do que centenário, possivelmente africano, e viera passando de mão em mão por gerações e gerações de sacerdotes, saiba-se lá de onde, desde tempos imemoriais - uma raridade! Desde aquela primeira vez, nunca mais fui à casa do Ayrton sem entrar no quarto de santo e ficar olhando embevecido para o Ogum.

Segundo o meu amigo, ele fazia sacrifícios anuais ao santo, mas um dia, no búzio, declarou que não queria mais comer. E assim ficou.

Quando comecei a pesquisar sobre o batuque, em 1969, vários filiados à religião, incluindo as também saudosas Mãe Moça da Oxum e Mãe Ester da Iemanjá, além de sacerdotes do candomblé, quando fui estudar em Salvador, me disseram que eu era filho de Ogum. E, mais, houve gente que ainda acrescentou que era muito poderoso e me dava grande proteção.

Nunca fiz qualquer iniciação, sempre me conservei apenas na condição de pesquisador, mas era verdade que o meu tipo físico, rosto, boa aptidão para trabalhar com as mãos e temperamento se adequavam muito às características do orixá. E então me tomei de simpatias pelo santo. Daí, também, que além da dimensão artística, essa sensação deve ter contribuído para o meu fascínio pelo Ogum do Ayrton.

O tempo passou, em 1990 fui trabalhar na Universidade Federal do Maranhão, mas sempre voltava anualmente ao Sul e, claro, ia visitar o Ayrton. Numa das visitas, me contou que estava diabético, com um princípio de cegueira e, conforme sua mulher, não se cuidava. A cada ano eu percebia que seu estado piorava e um dia me declarou que havia perdido o gosto pela vida.

Numa das vezes em que fui a Porto Alegre, o quadro me pareceu muito ruim. Levei-o, então, a vários médicos, a exames de laboratório, e o diagnóstico indicava um quadro irreversível com muito pouco tempo de vida. Fiquei realmente muito abalado, mas ele estava tranquilo, sempre repetindo que não queria mais viver. Dias depois, voltando ao templo e entrando, como sempre, no quarto de santo, tive enorme surpresa: o Ogum não estava mais lá!

*-Mas, onde está, Ayrton?*

*-Olha, eu resolvi passar ele para a Beth (filha de ventre e iniciada na religião), mas ela disse que não tem condições de cuidar dele e vai despachá-lo.*

Fiquei gelado quando ouvi aquilo!

*-Mas, Ayrton, se em vez de ser despachado, posso ficar com ele?*

*-Pois queres, então é teu, ele não recebe mais obrigações, não vai te dar problemas.*

Meia hora depois, com o Ogum e seus implementos sob um pano branco, no carro, fui levar o Ayrton de volta para casa. Ao chegar, me disse que tinha mais algumas coisas para mim, e então me deu uma inhã com grandes campainhas internas, muito antiga, do tempo da madeira - hoje são de folha zincada - e uma bela imagem também de madeira, do Ossanha com sua muleta, possivelmente obra de algum santeiro do batuque. Nunca imaginei que também a outra imagem e o tambor, que eu conhecia de muito tempo, também, iriam ficar, um dia, nas minhas mãos.



Pouco tempo depois, eu estava morando em São Paulo, fazendo o doutorado, quando recebi a notícia da morte do Ayrton.

## UM LODÊ E UM AVAGÃ

Meses mais tarde voltei a Porto Alegre para colher dados para a tese. Num sábado, fui a uma festa de batuque numa casa tradicional, para entrevistar algumas pessoas antigas. Quando saí, o dia ia raiando e então resolvi aproveitar a oportunidade para refazer um roteiro que fizera durante anos, quando morava na cidade e pesquisava intensamente sobre a religião: me dirigi às praias do Guaíba para observar e fotografar despachos.

Na Pedra Redonda, entrei numa das primeiras ruas que davam na praia. Metros adiante, no pé de uma cerca, bem longe da água, havia uma vasilha com algo dentro.

Desci do carro. Era um típico ocuto do Lodê, de uns vinte centímetros de altura, e uma mola de aço grossa, em espiral, que fora transformada numa cobra de ferro, um Avagã. Tudo muito antigo, com certeza.

Era evidente que o conjunto fora trazido para ser despachado nas águas do Guaíba, mas por alguma razão a operação não fora completada. Encostado no carro, a vasilha nas mãos, refletia comigo mesmo que aqueles objetos sagrados tinham, um dia, não apenas pertencido a alguém, mas que certamente, como acontece no batuque, foram partes cruciais do eixo – a religião – em torno ao qual girava a vida desse alguém, com todos os sofrimentos, alegrias, tristezas, vitórias e derrotas que ela sempre traz.

Enquanto pensava sobre isto e passava os olhos demoradamente pelo o que tinha nas mãos, me deu a impressão que dali vinha uma fala muda: não nos abandone!

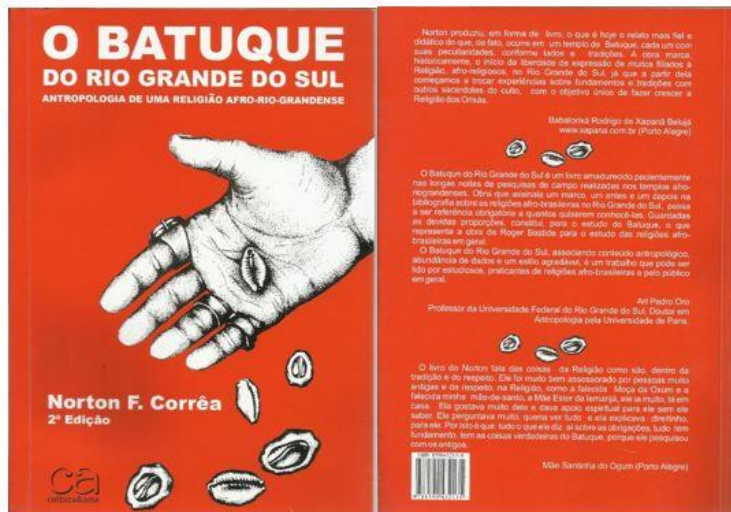
Hoje, o Ogum, o Lodê e o Avagã ocupam um lugar de destaque no meu quarto de trabalho e biblioteca, em São Luís, numa vitrine suspensa que fiz especialmente para eles. É isso.



Foto do Ayrton com o Pierre Verger. Da esquerda para a direita, filho de santo do Ayrton, um pesquisador do Rio de Janeiro, o professor Vivaldo da Costa Lima, de quem fui aluno na Federal da Bahia, Verger, Ayrton, e dois de seus filhos de santo. O local é o pátio traseiro do templo, onde havia a cozinha e o balé.

## LIVRO: O BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL

Contato: nortonfc38@gmail.com



## PROVA DE PUBLICAÇÃO:



**Norton Corrêa** adicionou 2 novas fotos.

2 h · 🌐

Durante meu longo tempo de pesquisa sobre o batuque, muito do que vi, ouvi, senti e vivenciei não foi para o livro por questões de espaço e porque trabalhos acadêmicos, como o meu, não são romances, têm de obedecer a certos parâmetros. Mas estas coisas, além de ficarem na memória do pesquisador, fazem, tal como os dados, parte indissociável das situações da pesquisa.

Considerando tudo isto, resolvi escrever um pequeno relato que envolve,, além de um sacerdote muito...

[Continuar lendo](#)

[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1845141542376150&id=100006409668699](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1845141542376150&id=100006409668699)

---

Transcrição e adaptação para a Revista Olórun: Luiz L. Marins -  
[www.luizlmarins.com.br](http://www.luizlmarins.com.br)

## **O ÀMÀLÀ**

Nathan Lugo

14/09/2016

Facebook:

<https://www.facebook.com/oluwin>





Em terra *yorùbá*, desde muitas gerações, *àmàlà* também se conhece como *oḱà*, um carboidrato feito com *èlùbọ*, farinha fina de inhame, e água.



*Àmàlà* é só o carboidrato, sem os molhos que podem acompanhar. Os pratos que se conhecem com o nome de *amalá* no Brasil se criaram no Brasil, lembrando alguns elementos de terra *yorùbá*. Mas os pratos de *amalá* no Brasil são unicamente do Brasil, tem identidade própria que se respeita.

Na foto estão oferecendo *àmàlà* da forma que se conhece em terra *yorùbá* por muitas gerações, feito só com a farinha de inhame, conhecido como *èlùbó*, e água. Em cima colocaram o famoso *ọbẹ gbẹgìrì*, um molho ou sopa espessa que além dos temperos e dendê também tem uma papa feita com um tipo de feijão descascado parecido ao feijão-fradinho.

Coloca-se o molho em cima do *àmàlà* ou ao lado num prato separado, o *àmàlà* mais antigo, na cultura *yorùbà*, sempre é o carboidrato feito com a farinha de inhame. Esta combinação de *àmàlà* com *ọbẹ gbẹgìrì* é o prato favorito e mais importante de *Sàngó* em terra *yorùbá* ha muitas gerações. Também se conhece como *àmàlà dúdú* porque fica escuro o carboidrato.

Tem um *àmàlà* mais novo, que alguns *Òrìṣà* não aceitam, chamado *àmàlà funfun* feito com a farinha de mandioca/aipim. A farinha de mandioca para preparar o *àmàlà funfun* é chamado *láfún*. Estes dois carboidratos sempre se preparam só com a farinha e água e mais nada. Os molhos/sopas são preparados a parte e levam outros nomes, mais nunca se chamam *àmàlà*.

Seja o molho à parte ou colocado diretamente no *àmàlà*, ainda tem que ser oferecido ao *Òrìṣà*. A forma do que se oferece é a mesma que os *yorùbá* comem. Só que, no caso dos *Òrìṣà*, em vez de se colocar na mesa, se coloca cima do assentamento do *Òrìṣà*, ou num prato perante o assentamento do *Òrìṣà*, folha, superfície do *pèpèlé*, ou no chão, dependendo do *Òrìṣà*.

Nesta foto tem *àmàlà* e *opè gbègìrì* separados, mas sem o *ata dín-dín* que se acostuma colocar para que o molho fique mais apimentado. Foi feito por um dos meus filhos que mora na Espanha.





## BIOETICA - UMA DISCUSSÃO EM CURSO

Ogã Gilberto de Èsù

Gilberto F. Silva

Vice-Presidente do *Orisa World* para o Brasil



OBS: O artigo abaixo foi escrito no ano de 2003, quando da realização do 8º congresso em San Francisco, Califórnia.

Foi levado a discussão, na ocasião, para eminentes representantes eclesiásticos de nossa religião. Foram ouvidos, entre eles, o *Aragba* de Ifé, o *Apena* of Ifé e o *Awisé* of Ifé, além de diversos Babalawo e Aborisa, dos diversos cantos do mundo presentes na conferência.

Devido ao ineditismo do assunto, todos foram unânimes em se criar um Conselho de Ética Religiosa (CER) com a finalidade de responder aos interessados.

Criado o CER, com representantes dos diversos países, o Babalawo Akinfaderin da cidade de Ifon, por ser o mais velho membro presente foi empossado com Presidente,

e no mesmo ato renunciou e apresentou a minha pessoa como o Presidente possível. Enfim todo o movimento foi impulsionado pela minha fala, o que foi aceito por todos.

O documento abaixo foi então imediatamente traduzido, com a finalidade de ser discutido na próxima reunião do CER.

Na reunião, apesar das discussões, não foi possível chegar a uma conclusão, dado a importância dos assuntos abordados, ficando assim as discussões adiadas para o próximo Congresso marcado para ser realizado em Trinidad & Tobago, que por falta da maioria dos membros eleitos, não se realizou.

Ficamos então de discutir o assunto no próximo Congresso que seria realizado no Rio de Janeiro, sob minha Presidência, por ter o proponente da Venezuela desistido no último momento.

No 10º Congresso realizado na UERJ, uma mesa foi especialmente preparada para tal finalidade. Foram convidados eminentes professores do Rio e de São Paulo, entre eles o Prof.Dr. Flavio Pessoa de Barros, Profa. Dr. Claud Lepine, Prof. Dr. Marcos de Yemanja e eu, o autor e proponente da mesa.

O assunto chamou atenção dos médicos e operadores da saúde carioca que compareceram e questionaram ativamente todo o *paper* apresentado, assim como as falas dos conferencistas, e um tópico foi discutido com entusiasmo pelos participantes, o ABORTO.



## Uma pergunta soou repetidamente: SOMOS CONTRA OU A FAVOR DO ABORTO?

Como poderão ler, ao levantar os temas, agi de forma solitária, não tendo pares, visando uma posição única, portanto volto hoje a propor que se crie um Conselho de Estudos Éticos Teológicos da Religião Yoruba, não com a finalidade de ditar regras, mas de dar resposta aos interessados, e assim estudar melhor nossa própria religião.

### BIOÉTICA

Comunicação apresentada no 8º Congresso Mundial de Orixá, San Francisco, Califórnia, em 2003.

Não é meu propósito falar de ética religiosa, mas sim de bioética teológica.

As religiões de matriz africana no Brasil têm sofrido através dos tempos problemas sérios no que tange à ética e teologia, dois assuntos que muito embora soem de forma diferentes, devem ser discutidos no conjunto do pensamento teológico. O nível de informações que chega aos operadores da religião é, sem dúvida, o mínimo, e a falta de um clero constituído e qualificado, mesmo que a nível consultivo, tem nos levado a situações da degradação quase que total da nossa religião.

É evidente que, de certa forma, fomos ludibriados pela formação das federações que eminentemente “umbandistas e cristianizadas” impuseram aos nossos clérigos, ideias permeadas de intolerâncias e xenofobias mesmo no “candomblé”. Ideias eminentemente policialescas já estavam também contaminadas pelo vírus da moral e dos bons costumes ditados segundo os cânones cristãos.

Isso tudo vem causando a todos nós clérigos, a permanente falta de informações sobre nossa própria teologia, pois o modelo o cristão era mais acessível e melhor compreendido por estar codificado, e por ser imposto aos nossos filhos por nossa própria orientação, já que nos primeiros estágios da formação de suas vidas, a infância e a adolescência, e por outro lado a falta ou a ignorância dos nossos sacramentos como *ikomojade* (batismo) e *igbeyawo* (casamento) causaram no futuro (hoje) males que dificilmente poderão ser reparados.

Do mesmo modo o desconhecimento de nossa gênese, e do panteão pré Orixá nos levou a cultos e reverências totalmente equivocadas, e nos dias de hoje nos vemos embaraçados em questões sem respostas.

O mundo à nossa volta evoluiu, e as outras religiões formaram conselhos sacerdotais, ou consultivos. Mesmo as religiões e seitas antagônicas mantiveram diálogos entre

si, com a finalidade precípua de dar respostas imediatas aos seus fiéis sobre os diversos assuntos, onde um determinado “dogma” da religião pode ser desmentido ou revisto.

Enquanto isso acontece, os clérigos das religiões de matriz africanas concentram-se em contendas de caráter pessoal, difamação pública de outrem ou mesmo entregando-se ao absolutismo de decisões, nem sempre éticas, muitas vezes imorais. A problemática do multiculturalismo religioso também tem gerado enigmas e entraves religiosos. A busca desordenada de uma identidade ou de um código religioso tem se pautado pelas tradições existentes “Ioruba ou Nagô”, “Dahomeana ou Jeje”, e “Bantu ou Angola”.

Assim sendo, nossos clérigos têm elaborado um intrincado imaginário cosmogônico miscigenado que não serve na realidade a nenhuma delas. A Orixalização dos Inkisses

e Voduns em nada tem contribuído com a religião Yoruba. A separação também não contribui com nenhuma delas.

Se levarmos em conta que todos os pensamentos estão voltados para as entidades que prestam serviços às divindades principais, que nesse caso não é levada em consideração, deixamos de cultuar a Olôdumare e endeusamos os Orixá e, com isso, perdemos todo o código teológico e hierárquico de nossa religião. Não conseguimos mensurar hierarquicamente o que é um Orixá, se ele é um Ébora ou um Irunmólé, ou mesmo, que espécie de ser ele é, se divino ou divinizado, se emanado ou não. Quando sabemos que não podemos fazer algo, não sabemos “porque não podemos”; inversamente, da mesma forma, “porque podemos”.

A meu ver estas questões são relevantes para a evolução de nossa religião, mas surgem outras com a evolução da humanidade que precisam de respostas imediatas

e estas de caráter eminentemente teológicos, nossos clérigos não podem ficar digladiando-se sobre assuntos de somenos importância, urge a formação de um Conselho de Estudos Éticos Teológicos da Religião Yoruba com a finalidade de responder a questões controversas e nunca dantes pensadas.

Como vamos ensinar a nossos acólitos, iniciados ou neófitos, se podemos e porque podemos ou, o que reza a nossa teologia sobre:

- A doação e recepção dos órgãos (transplantes) entre mortos, e entre vivos?
- A clonagem?
- O aborto provocado, consentido?
- O recebimento de próteses?
- A transfusão de sangue?
- A cremação dos corpos?
- A eutanásia?

- O nascimento de crianças de mães (mortas)?
- Como pensamos sobre o aborto provocado?

Durante muito tempo vivi no Rio de Janeiro e conheci muitas “fazedoras de anjo” que eram mães de santo, fazia parte do sacerdócio “socorrer” mulheres ou mesmo adolescentes, que se tivessem um filho e não tinham como cria-los, pois, teriam graves problemas na família. Portanto o aborto tornou-se vulgar entre nossos religiosos, que viam nele solução de um problema, mas nunca pensaram em termos da religião, no máximo havia uma interdição ditada por Osun, que era o Orixá visceralmente contra, não sei de mais nenhum que se fosse contra nestes tempos.

Nos tempos de hoje onde as informações são fáceis, a leitura continua difícil. Mas começamos a discutir esse e outros problemas com mais respeito às nossas tradições, em particular aos ensinamentos de Ifa. Vejamos:

- Conforme os mitos da criação, diversos Orixá elaboram o nosso corpo até que por último somos levados ao depósito das cabeças com o intuito de recebermos o destino. Só então somos enviados ao útero materno para nascer aqui no Aiye.

Se interpretarmos estes mitos com o devido cuidado, veremos que nascemos antes de nascer, quando de nossa chegada ao útero materno já estamos totalmente formados, temos Ori, Odu e Bara.

Assim sendo, a meu ver, temos que ser virtualmente contra o aborto ou mesmo contra qualquer método contraceptivo, pois sempre que praticamos o aborto, estamos indo contra as leis de Olôdumare. Do mesmo modo a clonagem seria condenada por estes e outros motivos. Neste caso, fui consultado por uma revista e me dei conta da complexidade do assunto.



Se temos características únicas, nosso Odu, nosso Bara e nosso Ori, no caso de uma clonagem, nossa cópia (clone) teria as mesmas características herdadas, o mesmo Odu, o mesmo Bara e o mesmo Ori?

E se assim pensarmos, somos contra qualquer tipo de clonagem? As próteses, segundo mitos de Orisá Oko, Ifa prescreve um sacrifício onde um pênis de madeira deve ser esculpido e fazer parte do sacrifício, ele deverá ser colocado por Oko em baixo de sua cama e fazer parte de sua vida, que passa de impotente a potente, daí podemos interpretar, que o uso de próteses não seja condenado pela teologia Yoruba?

A transfusão e a doação de órgãos, a meu ver, fazem parte do mesmo capítulo. Essas ações nos remetem ao sangue contido no órgão que será transfundido no paciente. Ora o sangue é o veiculador por excelência do axé, daí minha dúvida:

- Um órgão além do código genético carrega o sangue do doador, ou seja, o axé individual, como esse axé se comporta no corpo de outra pessoa que, por sua vez, tem seu próprio axé?
- O que viria junto com o sangue e o órgão doado que possa modificar o destino do receptor? <sup>1</sup>
- No caso de doação de órgão entre vivos, como se comportaria o Odu, Bara, Ori e Iku, quando da morte do doador, se o receptor está vivo?

A cremação, neste capítulo nos chama a atenção de forma substancial os mitos de Abiku, os únicos que prescrevem a cremação, a desfiguração e destruição do corpo. Em todos os outros mitos os corpos devem ser enterrados depois do processo de

---

<sup>1</sup> Segundo notícias recentes, um médico está defendendo a tese que, o órgão transplantado de alguma forma modifica a vida de seu novo corpo, na medida em que sua "memória molecular" irá atuar na memória do transplantado.

axexe. No meu entendimento, a cremação é uma abominação aos olhos de Olodunmare, sendo totalmente contrário à teologia Yoruba.

Nos tempos de hoje nos deparamos com algo inusitado: a Eutanásia.

Veio à tona recentemente com um caso acontecido nos USA. Em uma conversa com um ancião, ele me esclarece sobre as questões da medicina alopata, homeopata e fitoterápica ou tradicional. O médico alopata, segundo ele, seria contra a morte, prolongando a vida de quem deveria morrer, enquanto o médico tradicional, em vez de prolongar a vida, tenta restabelecer a saúde e assim evitar a morte, mas nunca colocará o paciente em estado vegetativo, com a finalidade de evitar a morte, pois isso seria contrário aos desígnios de Olodunmare.

Nossos anciões já fizeram muito em preservar a religião e agora é nossa vêz de fazer algo, tentar unir todos em um só pensamento e isso só poderá ser concretizado se no mínimo conseguirmos constituir um órgão ético teológico de reflexão aos moldes do já citado. Uma notícia de jornal, me levou a pensar seriamente nas questões teológicas de nossa religião, e aí, descubro que, por mais que procure, não encontro nada a respeito.

A notícia falava que o governo brasileiro decretava, que daí por diante todo brasileiro seria doador compulsório de órgãos, lei que embora modificada continua vigente.

Uma outra notícia recente mostra a preocupação das religiões com os problemas modernos. Os casais das diferentes culturas e etnias que procuram as clínicas de reprodução vêm impondo nova rotina a esses locais. Entre os judeus ortodoxos, por exemplo, há os que só se submetem à fertilização in vitro se o rabino ou o seu

representante puder acompanhar todo o processo. Segundo o médico Roger Abdelmassih, os religiosos ficam presentes desde a fertilização do óvulo com o espermatozoide, no laboratório, até a transferência para o útero da paciente. "Existe todo um ritual, com orações."

O judaísmo veta a prática da inseminação ou da fertilização in vitro com espermatozoide doado. Segundo o rabino Henry Sobel, presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista, o acompanhamento da fertilização depende de uma decisão pessoal do religioso. Sobel diz que, segundo a tradição judaica, a inseminação pelo espermatozoide de um doador estranho em mulheres casadas poderia não criar laços de parentesco entre a criança e o marido. "A mulher sente-se como se estivesse traindo o marido, e este fica diminuído na sua masculinidade." Para Sobel, a presença do rabino na clínica deixa o casal mais tranquilo e pode evitar práticas como troca do material genético.

No islamismo, qualquer técnica de reprodução assistida também deve envolver somente os dois cônjuges. Assim, são proibidas as doações de óvulo e de espermatozoides, e o chamado útero de substituição, isto é: quando a mãe biológica não tem o órgão e recorre a outra para gerar o seu bebê.

Entre os muçulmanos ortodoxos, também há um ritual para a coleta do espermatozoides que será utilizado na inseminação ou na fertilização *in vitro*. Como a religião proíbe a masturbação, o homem é orientado a manter relação sexual com a mulher usando uma camisinha especial, que depois é levada para o laboratório para a coleta dos espermatozoides. Segundo o xeique Jihad Hassan Hammadeh, vice-presidente da Assembleia Mundial para a Juventude Islâmica, a religião desaconselha a masturbação, mas a tolera quando o tratamento requer que a coleta do sêmen seja no laboratório. O islamismo não se opõe à utilização de embriões em pesquisa com célula-tronco porque não o consideram uma vida. "A alma só se implanta no feto com 120 dias de gestação."

A Igreja Católica condena a reprodução assistida, a não ser que se use técnicas simples, como estímulo para aumento de produção de óvulos. "O filho deve ser gerado de ato de amor e não mecanicamente", diz a médica Alice Teixeira Ferreira, assessora científica da CNBB e docente da Universidade Federal de São Paulo. Segundo ela, do ponto de vista da ética médica, a sobrecarga hormonal que a mulher é submetida para superovular é um risco para a sua saúde. "Moralmente, o filho [por meio da reprodução assistida] é visto como um produto de consumo."

E por último, uma notícia me deixa mais preocupado: Uma mulher grávida com dano cerebral grave foi internada num hospital do município de Orizaba, no estado de Vera Cruz. Em estado de coma, os médicos conseguiram fazer com que o bebê se desenvolvesse em seu ventre e nascesse. Para garantir o nascimento, um grupo de médicos do hospital prolongou por 13 semanas a gravidez. O médico disse que o corpo da paciente funcionou como uma incubadora, graças a uma traqueostomia e a uma sonda direta que foi colocada em seu estômago para alimentá-la. O médico,

acrescentou que na 33ª semana de gestação, a paciente sofreu uma crise de hipertensão impossível de ser controlada, razão pela qual decidiram praticar uma cesariana.

Caso esta pessoa fosse iniciada, de que forma veríamos essa criança? Um Abiku? Se levarmos em consideração que “Bi é verbo nascer, e Ku é a morte”, poderíamos traduzir literalmente por “Nascida da Morte” e tratarmos essa criança como tal?

Assim sendo acho que temos que nos preocupar com estas e outras questões que estão surgindo dia a dia e afetando nossa religião. Temos que começar a nos preocupar em formar teólogos com a finalidade de criar um código próprio. Só então poderemos fazer valer nossos direitos, como uma religião que somos, respeitada e valorizada por todos.



Minha proposta para a criação de um Conselho Nacional de Estudos Éticos Teológicos da Religião Yoruba, isto posto, gostaria que todos os interessados procurassem a coordenação para agendar uma reunião específica antes do termino de nosso encontro.



Olórún